





Os magos da excentricidade

Algumas pessoas adoram ser diferentes

Por TOM CONGDON

JACK MYTTON, escudeiro na Inglaterra do século 19, possuía 150 pares de calças de montaria e 2 mil cães de caça. Chegou a aparecer num banquete vestido com traje de caça completo, montado num urso. Certa vez, quando tentava se curar de uma forte crise de soluços, ateou fogo ao próprio corpo. Mytton sofreu graves queimaduras, mas ainda conseguiu fazer piada. Desafiador, gritou: “O soluço passou, eu juro!”

Eu queria saber a quantas

andava a excentricidade na Grã-Bretanha, por isso procurei o Dr. David Weeks, neuropsicólogo no Hospital Real de Edimburgo, que durante 15 anos desenvolveu um estudo científico de mais de mil casos de excêntricos modernos.

Co-autor do livro *Eccentrics*, o Dr. Weeks, um homem genial de 50 anos, descreve suas pesquisas como tentativa de entender um fenômeno ao qual a ciência nunca deu muita atenção. “Muitas pessoas pensam que a excentricidade é uma forma branda de loucura”, dis-

Criatividade— John Ward diverte-se com suas invenções.



'Cowboy'– Colin Newlove ensinou o touro 'William' a caçar.

se ele. “Descobrimos que não é nada disso.”

Os excêntricos, segundo a pesquisa, não têm nenhuma disfunção. Incluem-se nos 10% a 15% de pessoas que apresentam os índices mais altos em termos de QI. Mais felizes do que a maioria de nós, são otimistas e vivem em média dez anos mais. Geralmente se trata de primogênitos ou filhos únicos e, pelo menos na Inglaterra, do sexo masculino.

O Dr. Weeks me disse que há em média um excêntrico para cada 10 mil britânicos. Quando ele se ofereceu para me pôr em contato com alguns deles, aceitei mais do que de pressa.

E NCONTREI o primeiro na região de Highland, na Escócia. John Slater mora numa casa de fazenda. Quando jovem, pertenceu a um comando da Mari-

Para curar uma crise *de soluços, Jack ateou fogo*

na Real. “Mas chegou uma hora”, disse-me ele, “em que perdi o interesse em aprender a matar um homem com os polegares.”

Slater ofereceu-se para passar seis meses dentro de uma jaula no Jardim Zoológico de Londres, como exemplar da raça humana, a fim de angariar fundos para a preservação dos pandas. A administração do zoológico recusou, “por falta de visão”, diz ele. Depois disso, Slater caminhou por cerca de 5 mil quilômetros beirando a costa irregular da Escócia – mas só conseguiu angariar cerca de mil libras. Estava claro que sua próxima aventura teria de ser mais espetacular.

– Já sei! – disse para a namorada.
– Vou atravessar a Inglaterra a pé, indo de uma ponta a outra.

– Já cansaram de fazer isso – retrucou a namorada.

– Então eu vou descalço. E de pijama!

Vestido com um pijama branco de listras verdes e vermelhas, Slater pegou carona até o local da partida. Apesar das estradas cobertas por cascalhos pontiagudos, dos pés infeccionados e de um doloroso encontro com um porco-espinho, John conseguiu fazer quase 20 quilômetros por dia. Ao fim de quatro meses e muitas aventuras, chegou mancando ao ponto extremo ao norte da Inglaterra, onde foi recebido por uma multidão.

“Raramente me faltam palavras”, disse ele, “mas fiquei lá parado, sem

saber o que dizer. E pensei comigo mesmo: *É possível, sim. Se acreditar, você pode.*”

Hoje, aos 60 anos e de barbas brancas, John concentra os esforços na tentativa de obter apoio financeiro para a divulgação de sua mensagem de saúde, dando ênfase à alimentação vegetariana, às vitaminas e à cura natural. Até agora não conseguiu um patrocinador, mas não perde a esperança.

SEGUI PARA O SUL de carro, indo até Malton, onde Colin Newlove vive de treinar cavalos e criar touros. Ocorreu-lhe um dia que talvez conseguisse treinar seu melhor touro, *William*, para uma apresentação numa exposição agrícola. “Está perdendo seu tempo, Colin”, era o que lhe diziam todos na taberna. “Ninguém consegue treinar um touro. Isso nunca foi feito.”

Mas um comentário como esse só serve para insuflar ainda mais o excêntrico legítimo. Em duas semanas, Colin ensinou *William* a se abaixar. “Assim que percebi que seria mesmo possível, fui ficando mais ambicioso. Primeiro, eu o ensinei a ajoelhar-se enquanto eu montava em seu pescoço. Em pouco tempo, ele já me deixava selá-lo e montá-lo. Consegui guiá-lo com as rédeas, como se fosse um cavalo adestrado, e fazê-lo traçar oitos no chão. Foi incrível.”

Tudo isso acabou levando Colin a

ao próprio corpo. E ainda fez piada: ‘Passou, eu juro!’

A polícia sempre pára sua motocicleta com o

seu maior desafio: caçar com os cães de Derwent. No dia marcado, Colin, vestido com roupas de caça escuras, trotando com *William*, aproximou-se do grupo de caçadores que tomava a *saideira* antes da caçada. Houve olhares de incredulidade, depois gargalhadas. Mas *William* continuou sereno e, quando os caçadores tocaram as cornetas e os cães dispararam, lá foi ele atrás, como se tivesse nascido

Colin revelou sua máxima como treinador: "Nunca recompenso os animais. Eles têm de gostar do que fazem."

O princípio também se aplica aos excêntricos.

NÃO FOI DIFÍCIL encontrar a casa de Jake Mangle-Wurzel numa fazenda perto de Huddersfield. De um lado, há uma

placa com grandes letras brancas dizendo que aquela é A CABANA MAIS MALUCA DO MUNDO. Uma escada, do lado de fora, sustenta a Cascata de Privadas de Jake. Sete privadas foram colocadas de forma que a chuva caia do telhado na Privada 1, desemboque na Privada 2, e assim por diante.

A casa e o jardim estão repletos das mais absurdas engenhocas. Lá está, por exemplo, a motocicleta equipada com um assento de privada, uma pequena pia de cozinha e, na traseira, a metralhadora de brinquedo que parece de verda-

de. Também há dois mastros — o principal, com um pára-raios, e o segundo, ostentando a bandeira do Reino Unido. Entre um e outro, uma corda de varal, com roupas penduradas.



Mania de Absurdos— Jake Mangle-Wurzel mudou o nome — e a vida.

para o esporte. A história virou matéria de TV e, logo, homem e animal recebiam convites para participar de caçadas por toda a Inglaterra, assim como para se apresentar em muitas exposições agrícolas.

assento de privada ou o ônibus com o cata-vento no teto.

Jake é um homem de mais de 1,80 m, olhos azuis faiscantes e barba ruiva emaranhada, usando um chapéu de almirante caindo aos pedaços e adornado com uma pena branca. Ele adotou o apelido de *O Residente*, por causa da grande quantidade de correspondência que recebe pelo correio endereçada assim (como é comum acontecer na Grã-Bretanha).

Quando Jake sai pela estrada com um de seus incríveis veículos – a motocicleta ou o velho ônibus escolar com um cata-vento no teto – costuma ser parado a toda hora pela polícia. “Um dia um policial me perguntou para que era aquele cata-vento. ‘Para carregar a bateria’, respondi. Tudo conversa fiada, mas ele me deixou seguir.”

Seu nome de batismo era John Gray. “Estudei para ser desenhista projetista”, contou Jake, 61 anos. “Depois, servi durante três anos desastrosos na Força Aérea. Em seguida, tive vários empregos, mas nada tinha muito significado para mim. Há várias maneiras de escapar do fracasso: você pode se afogar na bebida, tomar tranqüilizantes, ir para o psicanalista ou recorrer à religião. Não fiz nada disso. Mudei meu nome para Jake Jonathan Zebedee Mangle-Wurzel e fui em frente, numa espécie de euforia maníaca auto-induzida. Comecei a recriar minha casa. Primeiro achei que aquilo iria durar só alguns meses, e depois eu

iria parar e pensar: *Pelo menos passei seis meses me divertindo à beça.* Mas já estou nesse negócio há mais de 20 anos. É um feito extraordinário, se me permite a falta de modéstia.”

O aspecto mais notável na casa de Jake é um grande receptáculo de concreto perto da porta: sua sepultura. “Quero ser enterrado neste túmulo, no meio de um bloco de concreto de duas toneladas, com um tubo saindo da boca, indo até a superfície. Assim, quando meus amigos aparecerem por aqui no Natal, por exemplo, e quiserem comemorar, poderão servir uma dose para o velho Jake. Isso é que é ser imortal!”

A VANÇANDO MAIS para o sul, encontrei John Ward com sua imensa gravata borboleta e enormes óculos de aro branco, a careca arrematada pelo cabelo grisalho arrepiado nas laterais da cabeça, como se estivessem eletrificados. (“Eu não sou careca”, garantiu ele. “Este é reverso do corte da tribo dos *mohawks*.”)

Talvez John seja mais conhecido como o inventor do aquecedor de sutiãs. “Ocorreu-me que deve ser horrível para as mulheres vestir aqueles sutiãs gelados nas manhãs de inverno”, contou ele. “Assim, fixei o secador de cabelo de minha mulher num suporte, dirigindo o ar quente para duas semi-esferas feitas com as metades de uma bóia de válvula sanitária de cobre. É só colocar o sutiã sobre os

globos e ligar o interruptor. Quando terminar de escovar os dentes, o sutiã já estará quentinho.”

Descrivendo a si próprio como um inventor *free lance* de esquisitices, de vez em quando ele chega a ter idéias para invenções práticas, mas as reprime. “Digo a mim mesmo: prefiro me divertir.” E foi assim que John inventou a frigideira musical – uma estrofe, e o ovo está pronto – e a colher elétrica para mexer o chá. Criou também a máquina que transforma panfletos eleitorais em papel higiênico (produto que chama de “papel de mentiras”) e um lavador de cabeças automático, que funciona à maneira dos lavadores automáticos de automóveis. Mas a invenção que ilustra melhor seu talento para a excentricidade é um helicóptero terrestre, pintado de boli-

nhas, montado em cima de um velho cortador de grama.

ANTES DE COMEÇAR minha viagem, o Dr. Weeks tinha me aplicado o teste utilizado em sua pesquisa, projetado para determinar o grau de excentricidade do indivíduo e distingui-la de comportamentos neuróticos. Esperava que ele me dissesse que eu era moderadamente excêntrico. Afinal, assim como a maioria dos seus estudantes, eu era saudável, feliz, inteligente e primogênito. E tinha adorado todos os excêntricos que encontrara, admirando-lhes a coragem e o estilo.

“Sua pontuação foi 50”, informou-me na volta o Dr. Weeks. “Está bem no meio. Você é normal.”

Normal? *Normal?* Nunca fui tão insultado em toda minha vida!

AVENTURAS NO LAGO



Meu amigo Jim estava pescando num lago quando o motor do barco começou a falhar. A caixa de reversão só funcionava em marcha à ré, por isso teve de regressar à doca do pesqueiro. Um homem idoso, sentado na margem, observava, em silêncio, os progressos de Jim.

Ao atracar, e utilizando material da loja do acampamento, Jim conseguiu improvisar uma reparação temporária do motor. No entanto, o problema se repetiu no dia seguinte, e Jim teve de voltar de novo em marcha à ré. Lá estava o mesmo homem, sentado na margem, analisando-o em silêncio.

Nessa tarde, ao procurar na loja o que precisava para consertar o motor, Jim ouviu o homem que o observara junto à doca comentar com o dono da loja:

– Aquele *cara* não sabe que podemos dar a volta ao chegar ao fim do lago.

—GEORGE A. CHRISTENSEN, *Canadá*